Cultura e subjetividade na juventude

Núcleo de pesquisa
do programa
Jovens Urbanos*

A cultura, como prática de significação, assume papel constituidor e não apenas determinado, superestrutural, epifenomenal.

A cultura é atividade, ação, experiência; é sempre trabalho sobre alguma coisa, sobre materiais existentes.

Cultura menos como produto e mais como produção, como criação, como trabalho.

Tomaz Tadeu da Silva

I

Reconstruindo-se cartograficamente

No quadro das perspectivas almejadas pelo Programa Jovens Urbanos duas merecem destaque.

A primeira refere-se à expectativa de ação sobre si mesmo, ou de processos de alterações subjetivas juvenis que o Programa espera mobilizar.

A segunda trata do investimento na expansão das relações, da aposta em novas performances relacionais dos jovens nos territórios urbanos.

As noções de subjetividade e de relações estão implicadas com uma concepção de cultura que orienta o Programa. A cultura, aqui entendida como prática de significação, atuaria diretamente na produção de sujeitos, ao mesmo tempo que mobilizaria incessantemente o acontecimento de relações sociais.

Do ponto de vista do acontecimento das relações sociais, a cultura expressaria a zona de produção de significados, representações, regras, códigos, controles exercidos dinamicamente por elas.

Os significados que configuram as relações, por sua vez, sugerem, orientam e muitas vezes impõem maneiras de ser para as pessoas.

Os significados atuariam nas relações pondo em exercício modelos subjetivos (identidades), os quais serão, em gradações variadas, adotados pelas pessoas como consciência de si. Em muitas situações relacionais os modelos subjetivos chegam a ser reconhecidos pelos envolvidos como verdades naturais e indissolúveis.

Quando falamos sobre quem somos, expressamos um tipo de consciência que adquirimos sobre nós mesmos. Normalmente as pessoas adotam essa concepção de subjetividade, mais habitual, sem muitas tensões ou conflitos.

No contexto do Programa Jovens Urbanos, nos deslocamos dessa concepção para abrigar o termo subjetividade nas modelagens culturais. A subjetividade não designaria mais algo que possuímos (uma substância) ou retemos definitivamente (uma essência), mas sim um estado de possibilidade produzido sempre nos agenciamentos culturais, mais especificamente nas coordenadas dos sentidos, dos poderes, das relações sociais.

Na perspectiva de expressão cultural não haveria uma forma única e permanente para designarmos nossa subjetividade, pois há sempre a possibilidade de traçarmos uma diferenciação de nós mesmos e nas relações em que nos envolvemos.

> Eu chamaria de subjetivação o processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito, mais precisamente de uma subjetividade, que evidentemente não passa de uma das possibilidades dadas de organização de uma consciência de si.
>
> *Michel Foucault (2004b, p.262).*

Quando falamos de diferenciação, não se trata de nossa subjetividade ser aberta às mudanças ou ao novo, do tipo que permitiria a entrada de coisas novas para um receptáculo nuclear estável. Trata-se de uma subjetividade-forma, cujas linhas de composição, sendo de um jeito, podem vir a tornar-se uma outra coisa, um outro, uma forma distinta da anterior (se disso for capaz).

> A penetração da cultura em nossas vidas é tão evidente que ela não pode mais ser estudada como uma variável secundária ou dependente. Ela não é um componente subordinado, ela é eminentemente interpelativa, constitutiva das nossas formas de ser, de viver, de compreender e de explicar o mundo.
>
> *Marisa Vorraber Costa (2002).*

Assim, nossas formas de ser, o jeito como pensamos, agimos e nos reconhecemos, estão altamente investidas pelas modelagens culturais que incessantemente nos atravessam e dependem dos entrecruzamentos de forças sociais (mídias, tecnologias, consumo etc.) que nos atingem com maior vigor em determinado tempo de nossa vida.

Se as forças se alteram, se outras alianças culturais são realizadas, se outras pertinências urbanas são experienciadas, novas maneiras de ser também podem se constituir. Isso quer dizer, em particular, que as modelagens culturais não são lineares, pois é em seus próprios movimentos de desalinhamento que entramos em novas possibilidades subjetivas. Novas possibilidades de vir a ser diferentes e de habitar a vida pública de formas também diferentes.

No caso de jovens em situação de vulnerabilidade, o próprio ato de habitar – estar em um lugar a que antes não se tinha acesso, explorar e experimentar outros lugares – pode possibilitar mudanças nos modos de vida juvenis e em suas capacidades de ação pública.

Na atualidade, a subjetividade da juventude é alvo especial de sistemas de significação e de produções materiais em ação nas sociedades, que geram modelos de juventudes a ser consumidos ou adotados por grupos de pessoas, bem como disputas discursivas em torno de *identidades juvenis*. Nesse sentido, a produção das subjetividades das juventudes encontra-se em plena expansão em nossa atualidade, tempo em que aos grupos de jovens é endereçada uma série de expectativas sociais e, por que não dizer, formas de controle.

As ações formativas realizadas com populações jovens também ativam modos de ser juvenis, que podem tanto fortalecer a reprodução de certos modelos de juventude já em circulação e seus feixes de controle como apostar em novos processos de singularização juvenil que escapem de **axiomáticas de controle**.1

O Programa Jovens Urbanos situa seu plano de ação na aposta de novos processos de singularização juvenil.

Relações e singularidades

Os modos de experimentar condições e estados de ju-ventude não são vividos da mesma forma pelos grupos juvenis. Contanto que atravessadas por modelações culturais dominantes que colocam, por exemplo, no centro da vida juvenil o ideal de corpo perfeito ou a vontade de consumo, as subjetividades juvenis desdobram-se em múltiplas experiências, considerando-se as variadas posições sociais em que jovens estão situados.
Por exemplo,

jovens mulheres, estudantes;
jovens pobres, brancos, doentes;
jovens negros, trabalhadores, músicos;
jovens de rua, jovens internados,
jovens evangélicos etc.,

e as *respostas* inusitadas que jovens são capazes de produzir ante os agenciamentos culturais em que se vêem envolvidos.

Nessa perspectiva, os modos de experimentar a condição de juventude e seus estados não se reduzem a um referente estrutural geral, mas estão implicados com planos dinâmicos e capilares.

As relações experimentadas pelas pessoas podem expandir a vida. São relações que fazem com que a vida ganhe mais intensidade e produza novos desejos – vontades de transformações, de renovações de si e das coisas no mundo.

Seguindo esse argumento, é possível considerar que modificações e transformações nos modos de vidas juvenis – foco subjetivo no Programa – passam pela abertura dos jovens às potências da cidade, de modo que aquilo de reiterativo e rotineiro que habita as relações juvenis atuais possa abrir-se a processos outros.

Estar atento e abrir-se às potências da cidade aliam-se às possibilidades de expandir campos de relações, de criar outras e novas performances relacionais das juventudes *entre* pessoas, lugares, idéias, objetos.

A idéia de **relação** proposta pelo Programa ressignifica a noção de *encontro*, retomando-a como uma ocasião experimental de vínculos com outros corpos – de mistura com múltiplos intercessores, de abertura para outros interesses e sentidos.

> O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas: para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas – mas também coisas, plantas, até animais (...) fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. É uma série. Se não formamos uma série, mesmo que completamente imaginária, estamos perdidos. Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê. E mais ainda quando é visível.
>
> *(Deleuze, 1992, p.156).*

As relações, como afirma o trecho anterior, mobilizam intercessores em nossa existência. São elas, as relações, que podem pôr em movimento *encontros* multifacetados com a vida, possibilitando às juventudes renovarem-se *uma-e-outra-vez*.

> As relações não devem ser entendidas como derivações da soma de seus termos ou produto das características e quantidade de seus elementos (Quem sou eu? Quem é ele? Que coisa é essa? Quantos nós somos?). O que define uma relação é o entre, que é o lugar das afecções – da dissolução de "eus" –, alguma coisa que ocorre entre os elementos. O entre não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio.
>
> *(Deleuze, 1995, p.37).*

As relações experimentadas pelas pessoas podem expandir a vida. São relações que fazem com que a vida ganhe mais intensidade e produza novos desejos – vontades de transformações, de renovações de si e das coisas no mundo.

Mas nem sempre as relações experimentadas pelas pessoas atingem esse efeito, ou seja, afetam no sentido de expandir a vida. As relações podem nos afetar de inúmeras maneiras, produzindo inclusive menos vida, perda de potências, reatividades e até mesmo atitudes esvaziadas de sentidos. As relações afetam as pessoas, tanto retraindo como expandindo a vida.

Embasado nesse pressuposto, o Programa Jovens Urbanos realiza suas ações apoiando-se nas seguintes perspectivas micropolíticas:

- Ao abrir possibilidades de jovens urbanos experimentarem relações diferenciadas, o Programa se torna uma força que desvaloriza as sociabilidades juvenis que produzem apatias, violências, restrições de várias ordens.
- A abertura para relações múltiplas expande os repertórios juvenis, impulsionando novas formas de participação social.
- A experimentação de relações variadas concorre para desacomodar padrões culturais – modos de ser, agir, pensar modelados rigidamente –, podendo conduzir os jovens a novas disponibilidades inventivas de si, a cunhar novas matérias de expressão, a criar linguagens.
- A experimentação de relações variadas expõe os jovens a encontros com outras subjetividades, com outras linguagens, com outras manifestações de expressão, outros intercessores, de modo que possam ser envolvidos em outros enredos e narrativas de vida, implicando-se produtivamente com estas.
- Os jovens são convidados a adotar atitudes de cartógrafos, de modo a se inserirem em novas relações, a utilizarem ferramentas cartográficas para olhar as relações da cidade: modos de funcionamento, o que determinadas relações provocam, reconhecer saberes, hábitos; ver como as relações acontecem no mundo do trabalho, das ciências e tecnologias, das artes.

Exploração, experimentação e produção: Uma experiência cartográfica.

A importância atribuída às relações e às partilhas em contextos plurais sustenta-se no fato de as sociedades contemporâneas viverem uma retração do espaço compartilhado e das possibilidades de trajetos e um afunilamento de sociabilidades, considerando especialmente a confluência do olhar juvenil para a tela da tevê e a limitação das opções de circulação e convivência das juventudes em diferentes domínios da existência, principalmente das juventudes moradoras de regiões metropolitanas pobres e periféricas.

Ao focar seu plano formativo na relevância das **relações e partilhas em contextos geo-simbólicos plurais** o Programa Jovens Urbanos tem como finalidade, sobretudo, a abertura de novos horizontes de sociabilidades e trajetos juvenis, abertura que concorreria positivamente para recomposições de modos de viver, movimentadas por alterações em repertórios culturais e nos desempenhos social e político de jovens.

Para persistir nessas metas e atuar em consonância com as juventudes atuais, o Programa trabalhou na elaboração de três estratégias metodológicas: exploração, experimentação e produção, tomando a cartografia como seu principal operador conceitual.

> A cartografia é um método que visa acompanhar um processo, e não representar um objeto.
>
> *(Virgínia Kastrup, 2007, p.2).*

Aqui, um evento de produção é capaz de transformar uma paisagem urbana comum em obra de arte, alterando relações no território.

De forma especial, a perspectiva cartográfica que orienta a formação inspira-se na cartografia social, formulada por G. Deleuze e F. Guattari e que visa investigar territórios sociais, reconhecendo-os como territórios cujas linhas de composição atuam em movimento.

Na cartografia sublinhada pelos autores, o cartógrafo tem como convicção acompanhar sempre **um processo**, sabendo que irá relacionar-se a cada investida cartográfica com fragmentos da dinâmica de um território, pois que os territórios podem assumir diferentes funcionamentos conforme os pontos de intersecção e os elementos em que o cartógrafo detém o olhar. A própria entrada do cartógrafo no território ativaria movimentos em suas linhas de composição.

Esse tipo de cartografia se afasta daquelas políticas de *investigação* que visam apreender informações dispostas no mundo (coleta ou associação cumulativa de dados). Também se afasta das políticas de investigação que se propõem a *interpretar* ou *explicar* parcelas do mundo cumprindo etapas e regras rigorosas.

A possibilidade do exercício de investigação urbana para além e aquém do escopo e *status* acadêmico *strictu sensu* expande a possibilidade do ato investigativo a grupos com perspectivas outras: **abertas a experimentar um território e disponíveis a construir conhecimentos de um território no próprio percurso de experimentação.**

O que se almeja nessa cartografia é fundamentalmente a experimentação do território, a abertura para o encontro.

A investigação, nesse caso, não busca algo definido *a priori*, mas um tornar-se aberta ao encontro. **Trata-se de um gesto de deixar vir** *(letting go)*.

> Donde, entra-se por qualquer lado, nenhum vale mais do que o outro, nenhuma entrada tem qualquer privilégio, mesmo se é quase um beco, uma ruela ou uma curva e contracurva etc.
>
> *(Deleuze & Guattari, 2002, p.19).*

Num território viaja-se percorrendo circuitos.

Assim é que a cidade tem "entradas múltiplas". E a entrada escolhida para se estar nos territórios urbanos

Alexandre Orion, Metabiótica 4 /2002 (à esq.) e Metabiótica 13 /2004, intervenções urbanas seguidas de registro fotográfico (www.alexandreorion.com)

A atitude investigativa do cartógrafo urbano, nesse sentido, seria mais adequadamente formulada como um "vamos ver o que está acontecendo", em vez da pergunta "o que é isto?", pois o que está em jogo é acompanhar um processo e não representar um objeto.

liga-se a outras coisas que ali acontecem, e assim sucessivamente em circuito. A cada nova entrada, novas conexões, novos desenhos aos acontecimentos.

A atitude investigativa do cartógrafo urbano, nesse sentido, seria mais adequadamente formulada como um "*vamos ver o que está acontecendo*", em vez da pergunta "o que é isto?", pois o que está em jogo é acompanhar um processo e não representar um objeto.

Um cartógrafo não permanece à margem das potências e fragilidades dos territórios pelos quais *viaja*. Ao percorrer um território, um cartógrafo encontra forças, matérias expressivas, feixes de potências, pontos de desvitalização. "Algo acontece e exigirá atenção." (Kastrup, 2007.)

A cartografia propõe eventos de exploração.

> Como uma antena parabólica, a atenção do cartógrafo realiza uma exploração assistemática do terreno, com movimentos mais ou menos aleatórios de passe e repasse, sem grande preocupação com possíveis redundâncias. Tudo caminha até que a atenção, numa atitude de ativa receptividade, é tocada por algo – uma matéria-força.
>
> *(Virgínia Kastrup, 2007, p.05, acréscimo e grifo nossos).*

Por meio das **explorações**, percorrem-se **circuitos** em ação nos territórios. O princípio é sempre um reconhecimento-acompanhamento sem modelo preexistente, sem regimes de catalogação automáticos. O interessante da atenção cartográfica acionada nos eventos de **exploração** é que **"deter a atenção em algo"** propõe ao cartógrafo ampliar, expandir o encontro com o território, e não, imediatamente, explicá-lo.

Nesse sentido, o procedimento investigativo trilhado no Programa, mais do que sublinhar uma competência específica de pesquisa, a ser apreendida por jovens, atua como uma política sensorial das juventudes, pois destaca a ativação de um novo tipo de atenção aos territórios urbanos que desativa ou inibe automatismos que habitualmente coloniza nosso funcionamento cognitivo.

Quando a atenção do cartógrafo é tocada, capturada por alguma matéria-força, tem lugar a experimentação, evento em que o cartógrafo **submerge num ponto do território** numa espécie de *zoom*. A experimentação faz com que o cartógrafo se misture com um certo conjunto de elementos do território. Na experimentação, **a atenção se desdobraria na qualidade efetiva do encontro. Na abertura efetiva para o encontro.**

Para Deleuze não se vai a um território para perguntar sobre origens e destinos. Essas perguntas apressadas devem ceder lugar ao envolvimento direto com o que está ocorrendo ali, no meio. Trata-se de aprender de uma nova maneira: manter-se no meio das coisas, sem pressa, em relação apenas. A experimentação de um território deve exceder a vontade de esquematização.

Na experimentação, o cartógrafo pousa em certo circuito, em certa escala do território, reconfigurando o processo de acompanhamento-investigação por meio de uma intensidade mais fina com partes do território, embora outras partes, mais longínquas, insinuem-se ali, pois ao misturar-se a um território, por trás, pela frente, pelo lado, embaixo, o cartógrafo não pára de descobrir outras partes ativas. Um território é um encadeamento infinito de forças.

> O que quer um cartógrafo? Ele quer envolver-se na realidade.
>
> *(Suely Rolnik, 2006, p. 64).*

Trata-se da possibilidade de jovens encontrarem uma saída para as coisas, uma saída pela produção de algo num ponto de um território. Uma saída possível, entre tantas outras virtuais. Uma saída sem querer tornar-se a salvação da matéria, da cidade. Uma saída-produção, com capacidade para atuar nas micropolíticas da vida.

Ao cartografar sucessivamente um território, o cartógrafo constrói uma ampliação de sua **fotografia**.

As linhas de composição de um território serão conectadas, a cada exercício, a circuitos geográficos, históricos, políticos, econômicos, artísticos, midiáticos, deslizando e deslocando-se para múltiplos planos possíveis de leituras. Um cartógrafo não faz isso para apreender a totalidade das informações do território, mas para encontrar um caminho. Para que alguma produção possa ser aí construída.

Trata-se da possibilidade de jovens encontrarem uma saída para as coisas, uma saída pela produção de algo num ponto de um território. Uma saída possível, entre tantas outras virtuais. Uma saída sem querer tornar-se a salvação da matéria, da cidade. Uma saída-produção, com capacidade para atuar nas micropolíticas da vida.

> As experiências vão então ocorrendo, muitas vezes fragmentadas e sem sentido imediato. Pontas de presente, movimentos emergentes, signos que indicam que algo acontece, que há uma processualidade em curso. Algumas concorrem para modular um problema, tornando-o mais concreto e bem formulado.
>
> *(Kastrup, 2007).*

Assim, surge um encaminhamento de resposta, uma produção, uma invenção.

Tal como se referem Deleuze & Guattari, todas as entradas são válidas para se avançar num território, percorrê-lo, viajá-lo. Não seria diferente com as saídas. Nessa perspectiva não se encerra uma investigação à moda clássica, com um produto que represente uma idéia definitiva sobre certo cenário social.

À moda da cartografia social, a saída de um território dá-se por um tipo de performance que não é outra coisa que não uma matéria expressiva, um produto, os pedaços dispersos que se arrastou em si do território. Fazer disso um material, traçar com isso um plano.

Cravar um ponto no território (em beiras de ralo, em cantos de página, em raiz de parede, em paralelepípedos, em alguma depressão do terreno), levar um prolongamento do encontro para outros contornos (familiares, econômicos, escolares).

Opor um pedaço novo de vida à repetição e mesmice, fundir-se numa enunciação coletiva, num desejo coletivo. Deixar ainda espaço para que potencialidades desconhecidas ressoem.

Uma produção será sempre uma linha aberta. Disponível a novas conexões, continuamente retecidas, reatualizadas.

II

Rotas possíveis para a formação de juventudes

Investigar territórios urbanos, experimentar uma atenção sensível ao território, criar arranjos com as afetações produzidas nos encontros acontecidos no percurso das investigações...

As rotas propostas são produto da experiência de ação-pesquisa-produção do Programa. Para cada uma delas vinculam-se algumas perspectivas e também palavras-chave, que, tal qual sinalizadores, pretendem convocar a atenção do leitor para pontos estratégicos, pistas seguras pelas quais eles poderão, vez ou outra e se necessário, orientar-se.

O CARTÓGRAFO COMEÇA SUA VIAGEM

ROTA 1

Formação em espaços múltiplos da cidade (rua, associações, museus, empresas, instituições etc.).

> O cartógrafo serve-se de fontes as mais variadas, incluindo fontes não só escritas e nem só teóricas. Seus operadores conceituais podem surgir tanto de um filme quanto de uma conversa ou de um tratado de filosofia.
>
> **(Suely Rolnik, 2006, p.65).**

Perspectivas

– Pluralização de espaços de formação
– Abertura para os territórios da cidade

O Programa Jovens Urbanos convida jovens a experienciarem eventos formativos em diferentes espaços da cidade onde vivem, promovendo o envolvimento direto das juventudes com os territórios da cidade e de suas linhas de composição: arquiteturas, relevos, sistemas produtivos (mundo do trabalho e tecnologias), produções artísticas, modos de vida de grupos sociais, de juventudes etc.

Encontros com espaços diferenciados incitariam as juventudes a se deter em territórios da cidade, em questões urbanas variadas: relacionadas ao meio ambiente, ao mundo do trabalho, às regiões onde residem, às artes, aos planos de comunicação da cidade, a campos de interesses juvenis ou de populações urbanas específicas.

Encontros com diferentes espaços requerem atividade de abertura de jovens e educadores para acessar a multiplicidade dos territórios urbanos. O múltiplo da cidade será acessado a partir da prática de olhares abertos a perspectivas contrapostos a olhares habituais.

Quando olhamos experimentando **perspectivas**, aprendemos a suplantar a vontade de interpretação particular, para produzir visibilidade de vozes, saberes e arquiteturas que não nos são imediatamente familiares ou reconhecíveis. A experimentação de perspectivas também concorre para desmobilizar categorizações apressadas da vida social, deixando jovens mais abertos para envolverem-se com a ocorrência e intensidade dos encontros.

O encontro com diferentes espaços implica também o exercício pelos jovens-cartógrafos de uma importante responsabilidade: a responsabilidade com os atos de observação.

Observar requer acionar interesse pelo de "fora"; requer aguçar a escuta para captar significados e saberes fluidos; requer fazer prevalecer a sensibilidade, sem nenhuma especulação antecipada sobre prováveis investimentos posteriores. Requer, particularmente, assumir o desafio do **outro**, uma certa ética do encontro.

A construção de olhares em perspectivas e da responsabilidade com os atos de observação desempenham um papel relevante na realização de investigações de territórios – especialmente no reconhecimento de suas linhas de composição – dos circuitos que os compõem e os arrastam para algum plano maior: econômico, geográfico, tecnológico etc.

A cartografia aqui em jogo orienta para o exercício de olhares urbanos de forma a perceber planos de complexidades da cidade e expandir a cognição e sensibilidades juvenis.

Jovens aprendizes de cartógrafo terão ainda como desafio o trabalho de construção/reatualização sucessiva dos territórios por meio de uma experiência estética que excede os contornos fechados de um mapa geográfico e os planos bidimensionais de cartazes comparativos.

Palavras-chave	PERSPECTIVAS RESPONSABILIDADE DE OBSERVADOR

ROTA 2

Formação de jovens misturada com acontecimentos na cidade.

Perspectivas

– Agenciamento de saberes múltiplos
– Conexão "jovem-cidade"

O Programa compreende que há uma multiplicidade de saberes, culturas e **modos operantes** presentes no funcionamento da cidade (que percorre o mundo do trabalho, produções artísticas, equipamentos públicos, maquinarias tecnológicas etc.), cuja intensidade, dinâmica e complexidade dificultam o isolamento como objeto de formação *a posteriori*, exigindo uma alternativa de formação que comporte a entrada direta – em tempo real – dos jovens nos conteúdos vivos da cidade.

O Programa Jovens Urbanos convida os jovens a se instalarem em ações desenvolvidas na cidade, por meio de estratégias de exploração-experimentação e produção, transmutando territórios da vida urbana na própria matéria-prima da formação juvenil. Assim, aciona um tipo de formação em que o reconhecimento e apropriação de saberes, culturas e modos operantes de um território se dêem por encontros diretos com seus planos de funcionamento.

Uma formação nesses moldes abre possibilidades para uma visualização mais consistente das camadas da vida urbana, pois suplanta o expediente didático de esquemas, resumos e sínteses como recurso instrucional.

Uma formação como a aqui proposta possibilita acompanhar, em ato, processos em ação nas cidades (**o que está acontecendo?**) que, por outras vias, tornam-se movimentos interpretados e remodelados na posteridade, diminuídos, portanto, em seus efeitos sensíveis.

O contato direto com os conteúdos da cidade – em tempo real de seu fluxo e acontecimento – requer que os jovens estejam munidos de algumas ferramentas que os auxiliem a se relacionar com os movimentos e saberes em ação nas camadas urbanas e a se misturar provisoriamente aos seus funcionamentos.

Informados pela metodologia cartográfica, os jovens organizarão roteiros caleidoscópicos de explorações para envolverem-se com os conteúdos da cidade. Os roteiros

atuarão como **escudos** protetores contra a possibilidade de olhares habituais ou olhares fixados em posições absolutas ou elementos parcializados. O olhar parcializado tende a ocultar a trama complexa da paisagem, afastando as possibilidades de visibilidade das conexões que arrastam os territórios em diversas direções.

Os roteiros também auxiliarão os jovens a se envolverem com os conteúdos da cidade, desde territórios que façam parte da organização de suas vidas até territórios desconhecidos por completo, pois poderão, os jovens, visualizar coisas que, por hábito ou encapsulamento do olhar, fugiram de seus campos de afecções.

Coisas, inclusive, que, apesar de não figurarem como questões atuais para os jovens-cartógrafos, podem agir sobremaneira na condução de seus atos e modos de vida.

A cada exploração, o exercício de uma atenção sensível. É preciso ver o que está acontecendo. Atenções serão disparadas e podem ter diferentes graus de intensidade. Na continuidade ou simultaneamente, os jovens-cartógrafos serão convidados a se lançar às experimentações. O campo de observação se reconfigura. A atenção muda de escala, numa espécie de *zoom*.

Nas experimentações: intensificar o **encontro**. Estar ali e não em outro lugar. Tal princípio conjuga o *acontecimento* para abrir-se à vinda daquele que vem sob o regime de um *encontro*.

Explorações-experimentações urbanas, orientadas pela perspectiva cartográfica, invocarão uma **expressão cartográfica – um mapa sempre provisório de pontos do território** – que permitirá aos jovens-cartógrafos prosseguirem viagem.

Os mapas cartográficos, diferentemente de um mapa geopolítico (que se pretende definitivo ou durável), expressam a trama das linhas de composição que definem, em dada perspectiva, um território.

Um território urbano poderá ser expresso considerando-se pelo menos três camadas: representações, funcionamentos concretos e sensibilidade.

a. A camada das **representações** – científicas, midiáticas, artísticas, econômicas, geográficas etc. – projetadas sobre determinado território.
b. A camada de seus **funcionamentos concretos** – linhas e circuitos inesperados, que escapam do nível das representações.
c. A camada da sensibilidade, via pela qual o jovem-cartógrafo expressará as **freqüências de pontos dos territórios** que lhes chegarem.

Lembrar: um mapa cartográfico, tal qual tratado aqui, está permanentemente aberto à movimentação das linhas do território, às novas descobertas, vislumbradas por mudanças de perspectivas.

Por isso, mapas cartográficos produzidos pelos jovens devem estar disponíveis para serem revisitados, pois a qualquer momento as linhas de um território podem ser ligadas a outros complexos de circuitos ou, ainda, desgrudadas e puxadas para uma **produção**. Um novo agenciamento, uma saída outra.

Palavras-chave	ROTEIROS CALEIDOSCÓPICOS ENCONTRO EXPRESSÃO CARTOGRÁFICA

ROTA 3

Formação de jovens como meio para a revitalização da sociedade civil

Perspectivas

– **Abertura ativa para a vida da cidade**
– **Transformações subjetivas**

Compreender a formação de jovens como meio para a revitalização da sociedade civil é abrir a formação das juventudes para questões e problemáticas do contexto histórico presente, para **entradas** *e* **misturas** das juventudes em grupos urbanos variados, para o envolvimento direto de jovens com territórios de significância ao funcionamento da cidade, para as regiões onde moram, enfim, para si mesmos, de modo que questões individuais sejam implicadas com a vida urbana.

A formação nessa perspectiva abandonaria finalidades e objetivos concentrados em um "ideal remoto de futuro" para aspirar produções sociais e transformações subjetivas de jovens no tempo presente de suas vidas.

Uma formação sintonizada com o contexto histórico presente deve instalar-se em questões prementes da atualidade (tanto no que diz respeito à atualidade das vidas juvenis como no que diz respeito à atualidade da vida das cidades).

Nesse sentido, uma formação projetada como um fórum da sociedade civil está desde a sua formulação sintonizada com a questão atual do declínio da vitalidade da vida pública e com a constatação de **participações mínimas** de populações em várias atividades urbanas de caráter sociopolítico, além de uma notável concentração de atividades juvenis circunscritas ao plano das mídias televisivas e outras abundâncias audiovisuais hiperfetichizadas.

Uma formação para as juventudes na atualidade tem como desafio desempenhar um papel relevante na revitalização da sociedade civil, propiciando que jovens possam, como integrantes do campo social, ver ampliadas suas possibilidades de exploração-experimentação e produção social (geoculturais).

Visando essa direção, Jovens Urbanos terão encontros marcados com variados grupos organizados da cidade e pelos *encontros* exercitarão atos de fala, serão introduzidos em tópicos de assuntos variados, cultivarão a disposição para raciocinar segundo pontos de vista que não os seus próprios, socializarão impressões, verse-ão mobilizados para a criação de produções e fortalecidos para transformações subjetivas de significância atual para cada uma das vidas e a do coletivo.

Pelos **encontros** organizados pode-se compor uma **potência imensa**, pois em cada encontro marcado, agendado, roteirizado pode-se devir numa outra multiplicidade de **encontros**, cuja lista de possibilidades é virtualmente infinita em extensão e composição. Há em ação, no próprio acontecimento formal de cada encontro, um atravessamento de signos que pode arrastar os jovens para outras conexões de sentidos e afecções, desdobrando novos planos de **encontros**: encontro especial com um som, uma idéia, um espaço, uma imagem, uma ação política etc.

A prática de uma formação como fórum da sociedade civil solicita que jovens **envolvam-se** com as questões da cidade, seus funcionamentos e domínios. Questões essas que certamente, em algum momento, dizem respeito e cruzam-se com suas próprias vidas.

Nesse plano, exploração-experimentação-produção instigariam jovens urbanos a reconhecer a infinidade de "vocabulários e movimentos" **em que a cidade pode ser vivida, descrita, organizada, desempenhada, controlada.**

Aqui a questão é saber quais conexões propostas pelos territórios urbanos aumentam ou diminuem a potência

de agir. Quais fazem a vida vibrar e se renovar; quais são capazes de depor as violências, os confinamentos, os regimes de retração da vida; quais podem transmutar-se em pontos de sonhos, de saberes, de arte ou de poesia. Pontos de prática e utilização prática, pontos de luta e intervenção, pontos de performances.

> ¿Cuál es el fin de una ciudad en construcción sino una ciudad? ¿Dónde está el plano que siguen, el proyecto?
> — Te lo mostraremos, apenas termine la jornada; ahora no podemos interrumpir —responden.
> El trabajo cesa al atardecer. Cae la noche sobre la obra en construcción. Es una noche estrellada.
> — Éste es el proyecto— dicen.
> (Ítalo Calvino, Las ciudades invisibles.)

Orientada pela perspectiva cartográfica, uma formação como fórum da sociedade civil impede o apartamento de jovens dos territórios/*objetos* da cidade, impede, simultaneamente, que uma *questão individual, assim tomada,* nutra-se circularmente de si mesma. Pelo exercício cartográfico a questão individual é dilatada, retoma sua plasticidade, tornando-se mais e mais necessária, indispensável, pois que outras histórias do lado de *fora* se agitam no seu interior.

É nesse sentido que uma questão individual se entrelaça com questões outras que lhes determinam valores – questões comerciais, econômicas, burocráticas, jurídicas, tecnológicas, artísticas.

Cartografar a cidade propõe aos jovens a ampliação de discernibilidade não somente dos territórios urbanos mas sobretudo de suas próprias vidas, dos sentidos e vontades às quais se filiam na atualidade.

Por isso, nossa aposta neste circuito formativo assegura uma formação ativadora de autonomia para a empregabilidade, produção e vida social.

Palavras-chave PLANOS DE ENCONTROS
CONEXÕES

ROTA 4

Formação de jovens com arquitetura aberta ao diferente, inusitado, desconhecido.

Perspectivas

– Encontros com o diferente
– Multiplicar as matérias urbanas

O desenho formativo do Programa foi traçado tal qual uma cartografia: sua arquitetura tem uma estética aberta, guardando potencial para ligar-se às matérias da cidade e com elas estabelecer relações variadas.

Nesse sentido, resguarda-se de estabelecer relações apenas com o **semelhante** ou com o que lhe é **filiado** *a priori* para investir em alianças ou assinalar relações provisórias que colocam no jogo formativo "matérias urbanas" vindas de orientações e lugares múltiplos.

Na escala das vidas juvenis, o propósito é justamente encontrar-se com territórios que, em princípio, não se habitava atentamente, intelectualmente, socialmente, politicamente, inventivamente. Não se trata de se deslocar, portanto, **numa cidade conhecida,** mas de acompanhar processos que comportem a possibilidade do inusitado, do estranhamento.

Como atenta Corazza (2004),

> não acontece muita coisa interessante ou de novo num mundo feito de essências; não dá pra fazer muita coisa interessante ou nova num mundo de essências (...). Nada divertido! Já num mundo feito de multiplicidades, é um formigamento só, um torvelinho criativo em cada esquina.

Em suma, um apelo ao novo.

Palavras-chave RELAÇÕES MÚLTIPLAS
DIFERENTE

ROTA 5

Caminhos cruzados das juventudes e cidade

Perspectivas

– Abertura da cidade para as juventudes
– As juventudes como produtora de campos de afecção

A entrada dos jovens nos territórios da cidade incita simultaneamente à abertura das juventudes para o funcionamento urbano, a abertura do funcionamento urbano para as juventudes, transmutando cidade e juventudes num "composto híbrido", donde marcas e fluxos urbanos enfeixam as subjetividades juvenis e marcas e fluxos juvenis atravessam o funcionamento da cidade, cortam suas políticas de recepção e convivências, suas políticas de produção de conhecimentos, suas políticas de empregabilidade, políticas tecnológicas, artísticas, estéticas, conduzindo-as a outras direções, reatualizando-as.

A maior aprendizagem é a de se aventurar a um encontro e se deixar encontrar. A entrada num território guarda, nesse sentido, um deixar-se tocar pelo desconhecido sem rejeitá-lo ou interpretá-lo com rapidez. Daí a importância para um aprendiz de cartógrafo de resistir às forças que pasteurizam as relações. É a porosidade ao encontro que favorece a passagem dos elementos do território para a atenção do cartógrafo e a implicação viva do cartógrafo com a experiência do território. Nesse movimento de abertura, um campo de afetações se desenha entre território e jovem.

As marcas das juventudes na cidade adviriam, pois, do **encontro**. Sem a possibilidade do **encontro, juventudes e cidade não gaguejariam em suas próprias línguas,** não se veriam convocadas a abrir seus jeitos de funcionar, seus modos de ser, suas idiossincrasias, não desequilibrariam linhas de forças entre si ou mesmo, colateralmente, não desequilibrariam aquelas que vêm de outras correntezas e, ali, no encontro se mostram. Mútua transformabilidade, afetações recíprocas, envolvendo-os e marcando-os de forma indelével.

Enfim, o método cartográfico faz da investigação um trabalho de invenção de si mesmo e do outro.

Palavras-chave	POLÍTICAS DE FUNCIONAMENTO ENCONTRO INVENÇÃO

Notas

1 A expressão **axi**omática de controle refere-se aqui a um conjunto de lógicas que convocam as pessoas a adotar determinadas práticas e ligarem suas vidas a determinados valores.
2 Nos moldes em que Arendt (1989), Paul Virilio e Caiafa descrevem.
3 Ver, em especial, Deleuze, Gilles & Guattari, Félix (1995). Mil Platôs, vol. 1. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras.
4 Ver em especial Mil Platôs vol. 1.

Referências

Calvino, Italo (2000). Las ciudades invisibles, 5ª edición, Madrid: Siruela.

Corazza, Sandra; SILVA, Tomaz Tadeu & Zordan, Paola (2004). Linhas de escrita. Belo Horizonte: Autêntica.

Costa, Marisa Cristina Vorraber (2002). Pesquisa-ação, pesquisa participativa e política cultural da identidade. In: Costa, Marisa Vorraber. (org.). Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em Educação. Rio de Janeiro: DP&A. (p. 73-92).

Deleuze, Gilles & Guattari, Félix (2002). Kafka para uma literatura menor. Tradução de Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim.

_____ (1995). Mil Platôs, vol. 1. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras.

_____ (1992). Conversações. Rio de Janeiro: Editora 34 (p.156)

Foucault, Michel. (2004a) Verdade, poder e si mesmo. In: Motta, Manoel Barros da (org.) Michel Foucault – Estratégia, poder e saber. Coleção Ditos & Escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária. (p.294-300).

_____ (2004b) O retorno da moral. In: Motta, Manoel Barros da (org.) Michel Foucault – Ética, sexualidade, política. Coleção Ditos & Escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária. (p.252-263).

Guattari, Félix & Rolnik, Suely (2005). Micropolítica – cartografias do desejo. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

Kastrup, Virgínia (2007) O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: Psicologia& Sociedade, vol.19, nº 1 Porto Alegre. (p.1-10).

Rolnik, Suely (2006). Cartografia sentimental – transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre (RS): Sulina/Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SILVA, Tomaz Tadeu. (2000). Teorias do currículo. Uma introdução crítica , v. 1. Belo Horizonte (MG): Autêntica.